

**Do amor à morte<sup>1</sup>**  
*Jacques-Alain Miller*

Agora sei o que não terei tempo de desenvolver nessa última palestra. Creio que a pobre Manon Lescaut ficará nos bastidores, não terei tempo de buscá-la para trazê-la à cena. Tratarei de indicar, sem ter ordenado demasiado as coisas, os pontos fundamentais: não quero propor uma ordenação que pareça definitiva. No final, retomarei certa visão do passe que comuniquei há pouco aos meus colegas de Paris.

**A felicidade da pulsão**

O caminho que seguimos é o que vai do amor à morte, homólogo, paralelo ao próprio caminho de Freud. Pensem no paralelo que estabeleci entre "Psicologia das massas..."<sup>2</sup> e "O mal-estar na cultura"<sup>3</sup>, constituindo a segunda a complementação da primeira. "Psicologia das massas..." nos relata a pacificação e a unificação simbólica de grupos humanos estáveis e homogêneos: é um canto ao poder do significante-mestre. Freud nos mostra isso por meio do seu conceito de Ideal do Eu. Esse conceito está sempre presente em Freud quando se trata da teoria do amor: o amor não é só narcisista, já que está condicionado por uma dependência. Assim, os Estados não são apenas políticos, são amorosos. Um Estado que abarca um país é um Estado amoroso. "Psicologia das massas..." é um canto ao poder do significante-mestre em nome do Ideal do Eu. "O mal-estar na cultura", pelo contrário, nos revela aquilo que talvez pudesse funcionar no pequeno âmbito estudado por Freud, mas que, nesse outro texto, não vale para a sociedade humana como tal: nesse nível encontramos o mal-estar, que se

traduz exatamente como a permanência, irredutível ao significante-mestre, do que Lacan chama de objeto a. Minha reflexão de hoje gira em torno disso. O caminho de Freud, de "Psicologia das massas..." a "O mal-estar na cultura", é o caminho do amor à morte; da organização da libido à pulsão de morte.

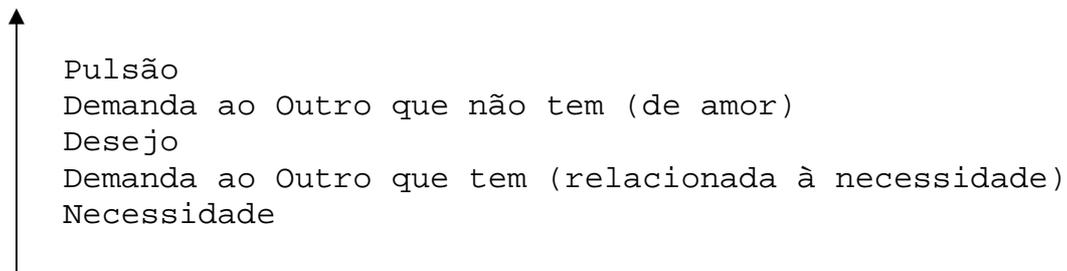
Esses dois textos vão do Ideal do Eu ao Supereu. Em "O mal-estar na cultura" é fundamental o desenvolvimento do conceito de supereu. Há, então, um paralelo entre ambos os textos. Porém é mais que um paralelo. O conceito de supereu, em "O mal-estar na cultura", depende do amor. O supereu freudiano se estabelece pela via do amor. Diferentemente de Kant, Freud não considera a consciência moral inata. Nisso ele está mais próximo de Nietzsche. Em "O mal-estar na cultura", Freud apresenta uma genealogia da consciência moral que não é algo primário, mas nasce a partir de um operador que está fora. Não se trata, como em Kant, de uma voz vinda de dentro, mas de fora. Freud trata de construir o conceito de supereu que, desde o início, não está na natureza; não basta delinear sua articulação, é preciso entender a que corresponde. Quando ele constrói o conceito de supereu toma como ponto de partida a dependência do sujeito, uma dependência primária em relação a outras pessoas. Para deduzir o supereu como princípio da consciência moral, o ponto de partida de Freud é a dependência primária do sujeito em relação a outras pessoas, na medida em que o sujeito experimenta o desamparo, *Hieflosigkeit*, e também como disse na primeira conferência, o que Freud chama de *Abhängigkeit*, palavra traduzida como "dependência": uma dependência exatamente designada como a angústia da perda de amor. O que ele apresenta como operativo é o *Liebesverlust*, a perda de amor.

Podemos distinguir com precisão os dois termos empregados por Freud: "desamparo" e "dependência"; além de

um terceiro, como resultado desses dois, "a angústia da perda de amor". Isso define a posição subjetiva primária em relação ao Outro: desamparo, dependência, angústia da perda de amor, e nos permite escrever o Outro com A maiúsculo, porque o sujeito depende disso. Até aqui, estamos na condição do nascimento do supereu para Freud; entretanto não temos o supereu, mas uma dependência externa. Não sei se isso lhes faz recordar algo; esse ano, ao reler mais uma vez o texto de Freud, quase imediatamente me dei conta de que esse é um dos princípios que Lacan pôs em evidência em seu grafo do desejo. Trata-se, claramente, do ponto de partida que conduziu Lacan a distinguir dois tipos de demanda: uma no nível da necessidade, outra no nível do amor. Há uma dependência no nível de um Outro que tem o necessário para satisfazer a necessidade, e há o Outro de cujo amor depende o sujeito. Essa minha observação tornou evidente a estreita conexão entre nossos conceitos de amor e pulsão.

Para explicá-los, devemos antes de tudo esquecer a rotina desses conceitos para nós. Eles são também ficções: a pulsão, o conceito de amor, a necessidade, a demanda, o desejo, etc., constituem artifícios para se captar algo da experiência.

De maneira geral, podemos dizer que na experiência analítica temos a noção de algo que impulsiona e podemos ordenar diversos estágios desse impulso no sujeito.



Podemos estabelecer como base - da qual não sabemos muito - a necessidade natural. Na psicanálise, porém, se constata que ela só pode ser conhecida através de uma demanda dirigida ao Outro para satisfazer essa necessidade originária. Então, como segundo conceito, escrevemos: demanda, em relação com a necessidade. Demanda em relação à necessidade, demanda a um Outro que tem o necessário para satisfazer essa necessidade: um Outro que tem. Além dessa demanda ao Outro que tem, como indica o próprio Freud, além desse dom de algo que o Outro tem, está o dom do que o Outro não tem, que é como define o amor. Aqui distinguimos uma segunda demanda, a de amor, dirigida ao Outro enquanto não tem, na medida em que nenhum agrado pode testemunhar completamente o amor. Entre essas duas demandas, Lacan inscreve o desejo. Se observarmos o seu grafo, vemos que ele inscreve a pulsão no nível superior. É fundamental o fato de não se escrever a pulsão no nível básico do natural, mas no nível mais sofisticado da conceituação. Isto é realmente surpreendente. A pulsão se escreve como algo que supõe todos os estágios. Até hoje o interesse se centrou nos termos de necessidade, demanda e desejo, apresentados por Lacan em uma articulação dialética que penso ser bastante conhecida. Foi, porém, esquecida a importância crucial da articulação entre demanda de amor e pulsão. De certo modo, a coluna vertebral da construção de Lacan está fundamentada na articulação das diferentes modalidades de demanda. O que justifica fazer a distinção entre pulsão e desejo? Por que não é possível dirigir a experiência analítica sem essa distinção? A pulsão é uma forma de demanda que pode ser distinguida, na experiência analítica, quando ela não pode ser interpretada, por não se encontrar o que interpretar. Falamos de desejo quando encontramos, pelo contrário, uma demanda que pode ser interpretada. São conceitos básicos. "Demanda" quer dizer apenas se dirigir ao Outro e nesse sentido, abrange todo o

dito pelo paciente na análise. O simples fato da demanda falar dá lugar à interpretação. Porém também encontramos, na experiência analítica, uma demanda paradoxal, que não fala, que o próprio Freud chamava de silenciosa, a respeito das pulsões. A pulsão é o paradoxo de uma demanda que não fala, mas que supõe a linguagem. As vicissitudes das pulsões demonstram que, apesar de não se expressarem verbalmente, obedecem às regras da linguagem. Isso faz com que o desejo e a pulsão constituam dois momentos da demanda. No vetor da demanda estão o desejo, que se pode interpretar, e a pulsão, que não é passível de interpretação. Falamos de desejo quando encontramos no próprio impulso a defesa contra ele; falamos de desejo quando existe esse rechaço do impulso no próprio impulso; o desejo é também uma defesa contra o desejo. A pulsão, em troca, tem certeza. Como Freud disse, de maneira mítica, a pulsão é um impulso que não se destrói, não se rechaça a si mesmo e prossegue. Aquilo que Lacan chama de vontade de gozo, em termos kantianos, é a pulsão. A pulsão é uma vontade de gozo enquanto o desejo é, por sua vez, vontade e rechaço de gozo. Por isso é possível questionar se o desejo pode ou não equivaler à pulsão e qual o destino da vontade de gozo no final da análise, quando o desejo decidido do final poderia equivaler à vontade de gozo. Assim, se ordenarmos as coisas naqueles cinco estágios, podemos ver a modalização, na psicanálise, de algo que impulsiona. Trata-se de diferentes estágios, se é possível dizer, diferentes modalidades da impulsão.

Fez-se referência à frase de Lacan que diz: "Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo". Essa frase descreve a articulação no sentido inverso: o gozo pulsional só se articula ao desejo, como desejo do Outro, através do amor. A frase de Lacan é a tradução inversa desse caminho. Uma vez estabelecido o conceito de pulsão, trata-se de saber por que o sujeito entrará nas dificuldades da relação

com o Outro, na demanda de amor, que pode ou não ser satisfeita. O próprio conceito de pulsão, em Freud, se localiza do lado contrário do desejo, que implica sempre uma insatisfação. Empregamos o conceito de desejo para nomear um estado de insatisfação fundamental no sujeito. Desse ponto de vista o desejo histórico é o desejo como tal, e a obsessão e a fobia são modalidades da insatisfação. Em Freud, pelo contrário, a pulsão significa um impulso sempre satisfeito. Isso não é tão explícito, mas Freud, no próprio lugar em que fala da defesa contra a pulsão, da renúncia ao gozo pulsional exigido, por exemplo, pela ética, faz a ressalva de que, na realidade, a pulsão sempre consegue se satisfazer, mesmo que por satisfações substitutivas. Assim como podemos definir o desejo como algo sempre insatisfeito, seu conceito de pulsão é o de um impulso sempre satisfeito. Esse coração da pulsão é o de um impulso sempre satisfeito. Isso não está em primeiro plano em "As pulsões e suas vicissitudes"<sup>4</sup>, mas aparece na redefinição da pulsão em "Novas conferências introdutórias..."<sup>5</sup>, precisamente na de número 32.

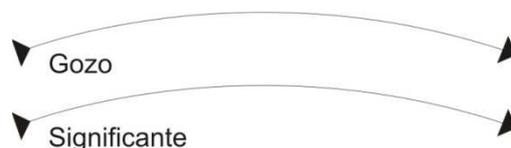
Isso é o que Lacan surpreendentemente retoma em "Televisão" quando diz, como numa provocação: "O sujeito é sempre feliz"<sup>6</sup>. Parece uma provocação quando se pensa em todas as infelicidades do desejo. Porém, quando Lacan diz que o sujeito é sempre feliz, não pensa no nível do desejo, mas no da pulsão enquanto sempre satisfeita, exatamente nos termos que Freud emprega naquela conferência. Diferentemente do texto da "Metapsicologia", não se propõe distinguir a meta e o objeto: "[...] por regra geral se interpõe um objeto externo no qual a pulsão atinge sua meta externa [...]"<sup>7</sup>. Para a pulsão se realizar é necessário, portanto, um objeto exterior. Consideremos o caso do perverso, como aquele ao qual a pulsão não impede a vontade de gozo. Para realizar a pulsão escópica, o perverso necessita alguém a quem olhar ou que possa olhá-lo:

necessita um objeto no mundo externo. Porém Freud diz mais, e esta frase é essencial: “[...] sua meta interna continua sendo em todos os casos a alteração do corpo sentida como satisfação”. Isso significa que, apesar de tudo o que ocorre no mundo, Freud mantém o conceito de uma meta interna na pulsão. Podemos dizer que essa mudança corporal sentida como satisfação é uma primeira versão do objeto a. Essa apresentação do objeto a como uma pequena mudança corporal segue uma vertente diferente da que tomei no primeiro seminário, no qual o apresentei em termos de consistência lógica. Em seus seminários, Lacan se esforça para conectar estas duas definições: o objeto a como satisfação sentida, como mais-de-gozar, e o objeto a como consistência lógica.

A noção de uma meta interna da pulsão nos permite entender que seja na infelicidade, no fracasso, na frustração que a pulsão se satisfaça em um nível fundamental. A pulsão é a própria satisfação. Lacan fez um esforço teórico para entender o que Spinoza chama de perseverança no ser, o suporte do sujeito na vida, que no nível fundamental pode ser chamado autoconservação. Autoconservação fundamental que certamente às vezes cai, como na passagem ao ato suicida e, quando desaparece, o faz na própria forma de impulso. Esse nível pode ser reconhecido na experiência: trata-se do nível da repetição. Se um sujeito repete o que lhe produz desprazer podemos supor e o fazemos, que busca e encontra nisso uma satisfação. Embora se trate de conceitos abstratos, isso está muito próximo da experiência. Como entendê-lo? Na experiência analítica a única matéria com que contamos é a comunicação. Reduzindo essa comunicação aos seus elementos primários, temos apenas a cadeia significante, ou seja, a produção de uma matéria significante. Admitimos, com os linguistas, que uma cadeia significante, composta por

elementos discretos, separados, produz um efeito de sentido.

Tornam-se necessárias desde logo algumas condições. Se eu estivesse falando em francês, o que me seria mais fácil, o efeito de sentido não se produziria para a maioria do público. Mas como estou falando em castelhano mais ou menos correto, se produz um efeito de sentido a partir da cadeia significante. Desse ponto de vista, a tese de Lacan é muito simples. Como podemos conceber, de acordo com a definição que aceitamos, a pulsão como demanda sempre satisfeita? Considerando-a como uma cadeia significante inconsciente que produz um efeito não de sentido, mas de gozo.



O grafo do desejo de Lacan se fundamenta nesse paralelismo, na hipótese de considerar a pulsão como uma cadeia significante inconsciente que responde à cadeia da comunicação. No grafo, simetricamente ao significante, escreve a palavra gozo, nos mostrando assim a satisfação interna da pulsão segundo o modelo da cadeia significante da produção de sentido. Em "Televisão"<sup>8</sup>, ele nos diz que o gozo (em francês, *jouissance*) pode ser entendido como *sens-jouis*<sup>9</sup>, fazendo equivaler o gozo e o sentido. Por isso pode completar a fórmula do discurso do mestre, o do inconsciente, escrevendo a cadeia significante como  $S_1-S_2$ , com o efeito de sentido, que é o primeiro lugar do sujeito de um lado e, secundariamente, o produto do gozo que nessa fórmula une aqueles dois níveis do grafo.

$$\begin{array}{cc} \underline{S_1} & \underline{S_2} \\ s & a \end{array}$$

O fundamental é que se trata da tentativa, por parte de Lacan, de desmitificar a pulsão freudiana, localizando o que Freud denominou pulsão no que temos como matéria na experiência analítica. Eventualmente o efeito de sentido esconde na cadeia significante a produção de gozo. Por exemplo, se falo uma língua que vocês mais ou menos entendem, vocês estarão suspensos nesse sentido, mas se eu - como minha filha - falasse chinês, somente uma ou duas pessoas poderiam entender; os demais só me veriam falar animadamente e se diriam: "Como goza falando!", independentemente de vocês gozarem ou não do que eu pude dizer. Efetivamente, quando alguém se dirige a uma audiência, quando não fala só para si, começa a entrar no sentido inverso; ou seja, começa a se perguntar se satisfaz ao Outro - começam as dificuldades do amor e do desejo. Mas no nível da pulsão, apesar de necessitar de todos aqueles estágios, a satisfação é interna.

Consequentemente, o que Lacan chamou de gozo é basicamente essa satisfação interna da pulsão que por isso, de certo modo, é sempre positiva. Nesse nível não encontramos a negatividade fundamental do desejo.

### **Renúncia pulsional**

Vamos agora articular isso com o tema fundamental de "O mal-estar na cultura" que enfoca a disjunção entre desejo e pulsão. Que sentido dar, por exemplo, ao que Freud chama *Triebverzicht*, a renúncia às pulsões? Em que sentido é possível imaginar renúncias às pulsões? Aqui se introduz o supereu freudiano. Como diz Freud, a renúncia às pulsões, ao gozo pulsional primário - tendo geleia na cozinha, não vamos comê-la toda - se deve ao amor, porque se não, a mãe ou o pai ficariam zangados. É em nome do amor que se pode

renunciar às pulsões. Renúncia apenas em certo nível, porque o problema, como diz Freud, é que depois o sujeito vai gozar de renunciar: não só não vai comer geleia como não vai comer mais nada. Renuncia então por amor e de tal maneira que talvez aquela, que não podia comer geleia quando era pequena, irá sempre querer caviar. Vemos o caminho que parte do gozo pulsional, passa por sua renúncia por amor, o que resulta na insatisfação fundamental do desejo. Seguimos assim o percurso do gozo que, através do amor, condescende a ir até o desejo. Esse caminho é inverso ao vetor do grafo de Lacan e descreve exatamente aquilo de que se trata em "O mal-estar na cultura", o *Trieb versus Liebe*, ou seja, a pulsão *versus* amor.

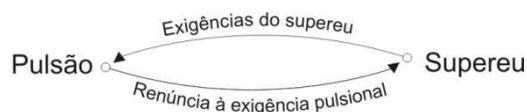
Podemos entender assim a invenção do conceito de gozo por Lacan com relação a Freud. Seguirei primeiro o caminho da construção do supereu. No início não temos supereu, mas apenas uma dependência externa do sujeito em relação ao Outro: para não perder seu amor, aceita renunciar a satisfazer as pulsões. Este é o ponto de partida de Freud: a angústia de perder o amor do Outro inibe a agressividade. Nisso temos apenas uma moralidade exterior: é considerado ruim tudo aquilo que ameaça com a perda do amor do Outro. Porém, se for possível comer a geleia sem que o Outro o saiba, tudo vai bem. Há pessoas que permanecem toda a vida nesse nível: roubar, etc, e... *pas vu, pas pris*: não visto, não pego. Trata-se de uma moralidade externa cujo suporte é a polícia, o tribunal, a ordem pública. O tema do supereu feminino foi discutido nas jornadas. Quando Freud manifesta suas dúvidas a respeito do supereu feminino, é porque considera que as mulheres, cuja vida erótica está constituída do lado do amor, se detêm no nível de uma moralidade externa. Diz que as mulheres não têm supereu porque para elas o mais importante é conservar o amor - a moralidade para elas sempre se estabelece em relação com um Outro externo, cujo amor se trata de conservar. Elas se

detêm nesse primeiro nível da moralidade, "não vista, não pega", sem aceder à polícia interior que parece constituir o supereu. Isso pode efetivamente dar conta da profunda inocência da mentira feminina: como o que está em jogo é o valor do amor, a mentira é um instrumento perfeitamente operativo. Esse é o lugar exato para se colocar a frase de Freud sobre a ausência do supereu feminino.

Vamos agora aos homens e ao supereu. Em um segundo nível, Freud se serve da noção de introjeção: operação que permite pensar que esse Outro externo vai ser colocado para dentro. Temos certamente nessa operação o que Lacan chama de processo simbólico, de inscrição de um significante. Para Freud, o supereu é uma introjeção do Outro, de um Outro de dentro que sempre sabe, um sujeito suposto saber. O Outro externo nem sempre sabe quem comeu a geleia. Como diz Freud, nada pode ser escondido do supereu, nem os pensamentos. O resultado disso é a culpa universal porque os desejos, os pensamentos de desejos inconscientes e conscientes são sempre culpáveis. Segundo a concepção freudiana, vão sempre na direção do interdito, dos objetos primários, do incesto. A partir do momento em que temos um Outro interno que sabe tudo, o sujeito é sempre culpável. Além disso, se explica que quando tal sujeito está infeliz em sua vida, se sofre catástrofes, etc., mais culpado se sentirá, porque isso seria uma demonstração de que o Outro não o quer. Trata-se do que Freud chama de paradoxo do campo da ética. A palavra "ética" é utilizada pelo menos duas vezes em "O mal-estar na cultura". Lacan não introduz esse termo, apenas o retoma. O paradoxo que Freud distingue é que se os tempos são felizes para uma pessoa, ela pode se sentir inocente. Ao contrário, se for infeliz, pode se sentir culpada, na medida em que o destino é substituto da instancia parental.

Acho estranha essa explicação freudiana. Pensei muito sobre esse capítulo 7 de "O mal-estar na cultura". Embora o

tenha lido inúmeras vezes, somente esse ano, creio, entendi do que se trata. Freud faz esse percurso que hoje retomei, o do Outro externo à introjeção do Outro como supereu, e parece ter resolvido todos os problemas, mas depois diz que não está satisfeito, que vai refazê-lo mais uma vez. Só nessa segunda volta reconhece ter encontrado algo novo que só a psicanálise podia formular. Por que esse retorno? Parece um suspense de novela policial: por que o doutor Freud percorreu duas vezes o mesmo caminho? Imediatamente ocorre que a gênese do supereu, tal como a apresenta Freud, é por identificação. Trata-se de uma introjeção simbólica do Outro, que constitui o sujeito em relação a um lugar fundamentalmente simbólico, a partir do qual será julgado, criticado, etc. Tudo isso se faz tranquilamente no nível do significante, trata-se de uma gênese do supereu a partir do significante. A segunda volta de Freud consiste em retomar isso, mas do lado do gozo. Pode então confrontar diretamente a noção de *Triebverzicht* e a noção de introjeção: de um lado as pulsões, do outro o supereu.

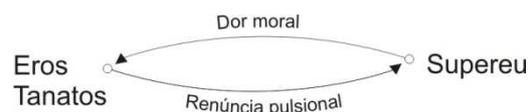


O supereu ordena a renúncia às pulsões, e o resultado é que ele passa a ordenar cada vez mais. Por que esse reforço? Uma resposta é a que já demos: o destino é um substituto dos pais. Mas essa solução não satisfaz Freud. Antes nos perguntávamos: Como se explica que alguém renuncie cada vez mais às pulsões, não coma geleia nem nada, e o supereu esteja cada vez mais gordo? Porque se come a geleia! A descoberta de Freud é que o supereu

engorda com a satisfação pulsional à qual se renunciou: por isso, quanto mais se renuncia, o gozo pulsional, longe de se desvanecer, nutre o supereu, e se goza nesse lugar. Em vez de gozar de comer a boa geleia, goza-se de renunciar à geleia. Assim se produz um ciclo de reforço, quanto mais o sujeito renuncia às pulsões, mais cresce o supereu e mais culpado será o sujeito. A misteriosa frase de Lacan em *A ética da psicanálise*, "a única coisa pela qual um sujeito na psicanálise pode ser culpado é de ter cedido a respeito do seu desejo"<sup>10</sup>, é um comentário ao pé da letra desse funcionamento. Ele diz "desejo" na medida em que a *Triebverzicht* está no nível do desejo, já que não se pode renunciar ao gozo: só é possível ou bem experimentá-lo de modo direto, comendo a geleia, ou inversamente, renunciando cada vez mais à geleia e a todo o resto.

Em "O problema econômico do masoquismo"<sup>11</sup>, o próprio Freud faz alusão ao imperativo categórico kantiano. Em nome da moralidade universal, Kant manda renunciar às pulsões; trata-se apenas da outra cara de Sade, perverso polimorfo. Lacan comenta esse esquema em "Kant com Sade"<sup>12</sup>. É possível pensar o que Freud chama de programa da cultura como Eros, o que congrega as pessoas, faz conjuntos de amor. Isso se dá em nome de um significante-mestre, não há outra maneira, seja "O campo freudiano", ou qualquer outro significante-mestre. O programa da cultura parece ser Eros e contra ele está Tântatos, que favorece a guerra de todos contra todos. Porém o que "O mal-estar na cultura" revela é que, precisamente no lugar em que acreditávamos encontrar Eros, encontramos Tântatos; no momento em que pensávamos ver a cara do amor, encontramos apenas o próprio funcionamento de Tântatos. Na cultura que parecia uma promessa de felicidade, Freud antecipou que em seu horizonte estava a autodestruição da humanidade. Devemos dizer que em nosso século, cada vez mais, vivemos as consequências desse mal-estar, e sabemos, há alguns anos, que entramos na época em

que a cultura humana pode se autodestruir. Nesse sentido, "O mal-estar na cultura" é um livro da época de Einstein. Freud nos incita a colocar em nosso horizonte o fato de que, na realidade, o que sustenta a consciência moral é o gozo da pulsão. Assim, o gozo da pulsão, um tanto deslocado, sustenta a consciência moral. Freud descobre, também, o que chama de crueldade sádica do supereu: que as exigências da moral têm tanta força quanto às das pulsões, que são só uma tradução destas, um deslocamento das exigências das pulsões. Não se trata apenas de um mandato, de uma demanda do supereu - em Kant, demanda de sacrificar todo gozo - a pulsão é também outro tipo de demanda. O gozo assume duas caras diferentes, circula entre esses dois tipos de demanda.



No horizonte da psicanálise há uma ética que não é a do supereu, que não consiste em transformar o gozo primário para que tome a cara cruel e feroz do supereu.

Acredito ter cumprido uma parte do meu programa. Vou terminar dando uma pequena noção da maneira como o passe pode se apresentar com relação a isso. O passe pode se apresentar a partir de uma alegoria, a do quadro que se encontra na edição do *Seminário 11*, a famosa *Anamorfose*, de Holbein<sup>13</sup>.



Apresentei o passe a partir do que se descobre nesse quadro quando alguém, após ter estado no cômodo em que estava o quadro, sai pelo outro lado. Antes de sair se volta e, nesse momento entre sair e não sair, mas de se voltar, é possível perceber a caveira. Para Lacan, alguém começa a sair do cômodo em que esse quadro seguramente o cativou e nesse momento de se voltar foi possível perceber a caveira. Essa caveira só pode ser vista em um momento bem específico: no momento de sair, quando alguém se volta para trás. Há seguramente nisso um uso da geometria para desiludir. Esse momento é uma desilusão, e todo o quadro está construído como um convite à desilusão. Para mim, essa é uma alegoria válida para o final de análise. Para isso Lacan definiu o passe: para permitir ao paciente aceder àquilo que, no momento de sair da análise, se aceitar se voltar poderá ver: nem antes, nem depois. O passe, nesse sentido, é o geometral da análise: um ponto para cujo acesso é necessário ter ido da entrada à saída, mas apenas quando se aceita se voltar no momento de sair. Esta é minha definição do passante: aquele que se volta no momento de sair. O que se vê na saída? É possível ver como esmaecem, como se tornam quase invisíveis os objetos cintilantes que mobilizaram a atenção do sujeito em uma análise. Seu interesse, sua paixão. Esses objetos que mobilizaram seu amor, sua paixão, se anulam: suas figuras se dissolvem em nuvens, e nesse momento adquirem relevo, aparece com linhas claras um objeto duro, do qual era possível ter uma antecipação, mas que parecia disforme, não situável, e que no momento do passe se revela pelo que é - um osso. Somente no final de sua análise, no momento de dar a volta, é que o sujeito poderá saber que tudo o que falou no transcurso de sua análise, a referência de suas palavras, é aquilo representado no quadro de Holbein como a caveira, ou seja, a verdade de que se trata no circuito do gozo. Assim o passante deixará atrás de si, na imagem em que se fixa sua

relação analista-analisante, a diversidade dos objetos cintilantes acumulados entre eles durante a análise. Por trás está a morte, que se escondia na confusão das linhas: Tânatos, que estava sob o Eros analítico. Isso é o que aquele que fez o passe pode deixar atrás de si.

Tradução: Inês Autran

---

<sup>1</sup> Essa conferência foi publicada primeiramente em Miller, J.-A. (1991[1989]). *Lógicas de la vida amorosa*. Buenos Aires: Ediciones Manantial, pp.49-62 e depois em Miller, J.-A. (2009[1989]). *Conferencias Porteñas: desde Lacan*, (2). Buenos Aires: Paidós, pp. 59-70.

<sup>2</sup> Freud, S. (1980[1921]). "Psicologia de grupo e a análise do eu". In *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XVIII, pp. 77-154.

<sup>3</sup> Idem. (1980[1929]). "O mal-estar na civilização". *Op. cit.*, vol. XXI, pp. 81-178.

<sup>4</sup> Idem. (1980[1915]). "Os instintos e suas vicissitudes". *Op. cit.*, vol. XIV, pp. 113-144.

<sup>5</sup> Idem. (1980[1933[1932]]). "Conferência XXXII: ansiedade e vida instintual". *Op. cit.*, vol. XXII, pp. 85-112.

<sup>6</sup> Lacan, J. (2003[1976]). "Televisão". In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 508-543.

<sup>7</sup> Freud, S. (1980[1933[1932]]). *Op. cit.*

<sup>8</sup> Lacan, J. (2003[1976]). *Op. cit.*

<sup>9</sup> N.T. Em português: sentido gozado.

<sup>10</sup> Lacan, J. (1997[1959-1960]). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

<sup>11</sup> Freud, S. (1980[1924]). "O problema econômico do masoquismo". *Op. cit.*, vol. XIX, pp. 171-188.

<sup>12</sup> Lacan, J. (1998[1963]). "Kant com Sade". In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 776-803.

<sup>13</sup> Idem. (1998[1964]). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.